

P95 2



Qualova



ANNO II N.º 5
Reife, 3-7-324.

Quarab



Recebem semanalmente novos sortimentos em calçados para homens, senhoras e crianças.

Artigos de Sport: meias para homens e senhoras

Casa Clark

Rua Nova 193 — Filial

Rua da Imperatriz — 269

Telegrammas
ALMEDARES

Telephone
641

SOARES, ALMEIDA & C.
25

PRAÇA DA INDEPENDENCIA

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL

Stock completo de todos os artigos pertencentes ao ramo. Mantem operarios competentes para execução de qualquer trabalho. Executam installações em cidades, villas, fazendas etc. Encarregam-se de illuminações provisoias, publicas ou particulares, lampadas Edison, Tungram e Philips-communs e de 112 Watt-Lampadas Magnon para series e 220 volts.

SINCERIDADE

Lustres 25\$ 30\$ 40\$ 50\$ 60\$

Plafoniers 12\$ 15\$ 20\$ 30\$ 40\$

Abatjourns com pingentes 6\$ 8\$

10\$ 12\$ 15\$ 20\$

Castiças para meza 15\$ 20\$ 25\$

30\$ 40\$

Stock sempre renovado em todos os artigos.

Ferros engommar 25\$ 35\$. Fogões e tocareiros electricos. Tulipas e abat-journs communs.

Visitem a nossa casa antes de effectuarem as suas compras pois

!! Economia é a base da Prosperidade !!

VERA CRUZ

Companhia de Seguros sobre a Vida
Capital integralizado 500.000\$000

Avenida Rio Branco n. 47 — RIO DE JANEIRO

Superintendentes:

Carneiro & Galvão, Ltd.

Avenida Marquez de Olinda
RECIFE

FABRICA

ZENITH

Durães Cardoso & Cia.

IMPORTADORES DE FARINHA DE TRIGO E ESTIVAS

Exportadores de assucar, cereaes e café

Fabrica:

Escritorio:

ILHA DOS CARVALHOS, 58 e 84 RUA JOAO DO REGO, 213 e 221

Telephone, 343

Telephone, 147

Telegramma—ZENITH

Codigos: RIBEIRO e BORGES

Façam seus seguros na

"STELLA"

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

Capital Rs. 1.000:000\$000

Séde: Rio de Janeiro

Agencias em todas as principaes praças do paiz.

Succursal em Recife:— Avenida Rio Branco 144

CASA CENTRAL

ALFAITARIA

DE

Antonio Gonçalves

Completo sortimento
de casemiras, Plain-
beach e brins. Confeção
de 1.^a ordem.

Preços e pontualidades
sem competencia.

**Rua Mathias de Albu-
querque, 83**

Recife

Quer ser feliz?

Visite a

Sapataria Santo

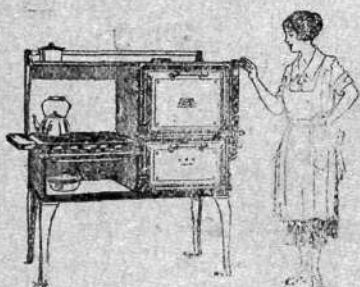
Antonio

é a unica que combate a carestia e
ofrece vantagens aos seus freguezes.

Calçados para homens, senhoras e
creanças, meias, malas, chapéus,
guardasóes, capas de borracha e mui-
tos outros artigos que agradarão ao
mais exigente freguez. Rua larga do
Rosario, 134. — J. Mariano Gue-
des. — Recife.



ESCOLA DE ARTE CULINARIA



Os novos cursos começarão em Julho proximo, estando as matriculas desde já aberta na

Loja do Gaz

Rua da Imperatriz, 139



A Pernambuco Tramways & Power Co. Ltd.

offerece o premio de um
elegante e moderno

*Fogão a Gaz com installação gratuita
cuja entrega será feita por
meio de sorteio entre as alumnas
diplomadas.*





Recife, 3 de Julho de 1924

RUA NOVA

Director—De Sá Leal



"Vila Calayotto"
cur-nos e Ro-
Estrangeiros,
da cidade.
—Recife.
Fih?

Barbaridade

Um cego entrou n'uma barbearia.
— Um pobre cego, destes bem plebeus —
Pedindo então, com voz que commovia,
Que o barbeiassem, pelo amôr de Deus.

O barbeiro, movido de piedade,
Attendeu logo á solicitação
E, com requintes de barbaridade,
Entrou na mais tremenda esfolação:

A pessima navalha do barbeiro
Cega, dentada como um rapacôco,
Produzia no pobre um formigueiro
De cisadôr, serrote, arranca-tôco!

Cada vez que a navalha enferrujada
O misero carão pegava em cheio,
Sentia o cego que uma punhalada
Lhe abria o coração de meio a meio.

Nisto um gato, guinchando, no telhado,
Em verdadeiras supplicas de dôr,
Parecia tambem avassalado
Pelo mesmo martyrio e o mesmo horrôr.

A gente soffre menos — diz Junqueiro —
Se acaso cê soffrer alguém por nós...
O cego achou no gato o companheiro
Do seu destino deshumano, atrôz!

Vendo um freguez do gato o soffrimento
Em tom muito magoado, muito humano,
Não se pôde conter e, no momento,
Perguntava: o que tens, pobre bichano?

E, n'um longo suspiro commovente,
Erguia o cego os tristes olhos seus,
Dizendo: — é que lhe estão, naturalmente,
Fazendo a barba pelo amôr de Deus...

Horácio / Misk

Graça—Belleza—Fealdade—Elegancia e Maledecencia
:: da RUANOVA ::

Sabbado, 28 do corrente.

A "Rua Escandalo" está cheia de poetas e chronistas... cretinos. Por signal, eu tambem, com a minha intelligencia *luminosa* estou pisando-a, macaqueando-a, banalizando-a, imitando-a... sem vergonha de, apenas um, que aqui não se encontra, porque prefere ser literato de alto coturno, á custa da chefia da corrente ou partido cabotnico, cargo elevado, mas espinhoso, que vem desempenhando, com gahardia e suprema distincção.

Não direi, quem é esse um, que toda a Allucinada Mauricéa já o conhece.

Estou sozinho na porta da Exposição. E' um martyrio a minha reportagem. Falta-me o conhecimento das pessoas e o Valença, talvez com receio de uma irreverencia minha, não é capaz (Deus o conserve assim) de me dizer que o "Quirino", por exemplo — o homem que se fez a golpes de talento, dignidade e esforço proprio, conforme as suas palavras — chronicalho de singular originalidade de certa revista pilherica, é um poeta á Roque Mechiades; um brigalhão contador de lambanças... litterarias, rendendo graças sem chiste, ao genio carituresco e desengonçado de um tal Porto Silveira, ou um anjinho que sorrateiramente escapou do Céu, n'alguma noite em que S. Pedro cochilava...

Porem, eu ia dizendo... ah!



A graciosa senhorita Octavia Cavalcanti da Sociedade de Limoeiro

lembro-me: que estou sozinho.
 11 horas da manhã.

Que posso dizer? Se soubesse onde encontrar o Dustan, o meu nobre amigo Dustan, de certo, gastaria algum tempo, mas vel-o-ia aqui.

Só assim.

Que felicidade! lá vem elle! é elle mesmo!

Bem, vou começar a minha... (o leitor amavel consente, á revellia do espalhafatoso e queixudo João da Rua Velha, que eu diga... a minha chronica?)

Alguna generosidade, creio me salvará.

E depois de um longo abraço, começámos a palestrar.

Dustan estava radiante. Parece que o meu jovem amigo, tem sempre no coração um jardim viçoso de alegria.

Não no vejo, senão rindo com uma expressão de paz e felicidade. Deve ser um moço feliz.

Em meio da palestra, um incidente no bonde de Hospital, consternou-me: o conductor deu com o nariz num banco e uma fita de sangue desenrolou-se...

A Assistencia chegou e um certo reporter, de côr morena, de quem não pude saber o nome, quiz até jogar pancadas no medico, porque este não esperou para lhe

ser fornecido o nome da pobre victimá.

Birra! que jaca dura! parece mentira. "Aguenta Felipe!"

Meia hora depois, entrámos na "Bijou" — o salão de elegancias e futiidades desta Veneza.

De lado, vi bem que um João chronista estava impaciente, nervoso, falando alto.

A principio, não quiz dar ouvidos, mas, percebendo a pronuncia forte de João Pauslistano — o humilde e desprezencioso rabiscador destas linhas, pedi ao meu companheiro um pouco de silencio e concertrei-me.

Alguem, sem duvida, tangido pelo calor do lupulo, sem cerimonia de especie alguma, dizia assim:

"Eu quero ser ouvido. Ouçam meus versos fortes.
Raios, não abrirão na terra tantos córtes:
Devo ser frívolo e cruel. Devo ser máu.
Que impórta a mim, que á minha frente esguia, o

páu

Danse uma valsa ou cante um hymno? Nada como
Ser-se máu. E' sublime. Eu mesmo não me domo.
E para que ser bom, n'um lugar, onde sou,
Sem favor, o primeiro? E creio até que estou
Perfeitamente bem. Eu que me fiz sozinho,
A golpes de talento, o doce Quirininho
Cercado de rancor, de inveja, de maldade,
Serei cruel, serei mordaz, sem piedade,
Não posso agir senão assim, atropellando
Coro se fosse um *Ford*, encachaçado, voando,
Sarabandando, atoamente sem motor.
E demais... a cidade está cheia... (que horror!)
De chronistas em penca... é uma peste! que praga!
Todo o mundo quer ser chronista. Não ha vaga.
Por isso querem me alijar... Todo cretino
E' trovador! Penante! ai! acuda o *Quirino!*"

Essa versalhada não me aprazia ouvil-a. Deliberei retirar-me. Com o Dustan fui fazer ponto na Stopper.

O céu estava nebuloso e a loja

elegante de elegantes e formosas creaturinhas estava illuminada... illuminada com a força da Trammwys... porem, a luz mais forte, que se revelava naquelle perfuma-

Renuncia

(Para Oswaldo Guerra)

Deves parar, aqui! Seguirei. Transitória
Foi a vida do amor que, em vão, quiz perpetuar.
Evocarás, de certo... E' um espelho a memoria:
Fêl-o a saudade e, nelle, anda a alma a se mirar...

Nenhuma há-de aturdir como essa breve historia
Em que tenho meu sólio e em que tens teu altar.
Retorne a primavera, e o outôno, enpós... Descorea-
O tempo cruél, emfim, á marcha millenar!

Mas, si, na noite-morta, o tormentoso brado
Dentro na alma te ecoar de uma voz conhecida,
Tu não responderás, para meu grande mal.

A bôca ficar-te-á, como um jardim fechado.
A florir, em silencio, uma phrase esquecida
E a escnder, com volupia, o meu beijo final!

Landulpho Medeyros.

do ambiente, era a dos olhos trave-
vessos e faiscentes de encantamen-
to de Alice, Celecina, Izaura, Vi-
ctoria e Beatriz todas de crepe de
china preto, sorrindo, com um sor-
riso de bondade e paciencia para
os mais importunos e exigentes
freguezes.

Consultei o meu relógio — 12
e 20.

Estava insípida a rua. Decidi
convidar o meu amavel compa-
nheiro a ver a fita do "Moderno".

Fomos. Quasi não entro. Que
surpreza: á porta do theatro, vi
dois grandes olhos de velho Mara-
cajá, muito accesos n'um rosto en-
rugado e sanguineo, que me inti-
maram a voltar, n'uma attitude
insolita. Fiquei apavorado... a
tremer... mas entrei.

Dustan percebeu a scena e na
cadeira, disse-me: "aquelle é o
Rolinho. Você foi falar na Rua
Nova dos films..."

Foi o que você quiz..."

Está o motivo, por que não di-
rei jamais se a fita daquelle dia,
foi apenas, um augmento de 1.100
réis, nos já existentes...

Aqui faço ponto na minha chro-
nica. Dustan despede-se de mim e
eu sem um guia, confesso-me im-
productivo.

Para o proximo numero, se o De
Sá Leal consentir, transcreverei
nesta secção, alguns trechos de
uma carta de meu distincto confra-
de e amigo A. Carriho, a propo-
sito de uma perfida e desequili-
brada accusação que lhe lançou o
sr. Austro Costa, referendada pelo
sr. Alfredo Porto da Silveira.

Virei para o lugar que aqui me
cabe, por nimia gentileza da reda-
ção, talvez até sem a mascara,
que me tem feito um desconheci-
do, para de frente ser julgado,
como melhor entender o publico.
Até a volta, caros leitores, se
Deus m'o permittir e ajudar.

Por hoje, quasi a contra-gosto,
ainda sou

João Paulistano

"Terra Pernambucana"

O escriptor Mario Sette não fantasia somente romances. E' uma organisação desenvolvida, dotada de uma scintillante argucia e de um bello talento productivo.

O seu ultimo livro, prestes a sahir do prelo, é uma brilhante colletanea de contos, cujo pensamento, foi desencavar cuidadosamente dos enxertos de nossa historia regional.

Como o fecundo França Pereira, no "Terra Patrum", Mario Sette compôz, alma feita de amor á terra que o viu nascer, o seu hymno de exaltação e de patriotismo, a Pernambuco, celebrando os gloriosos feitos de nossos maiores, n'um estylo elegante, delicado, que não enfada, antes deleita e nos commove.



O sr. Mario Sette, não precisa que digamos do valer do "Terra Pernambucana". Os contos já publicados na *Rua Nova* e noutros jornaes desta cidade e que vão figurar nelle, são o melhor testemunho, a prova, altamente eloquente, de quanto vale o trabalho que o publico vae receber para elevação de Pernambuco e riqueza de nossa litteratura.

Rua Nova, honra-se em publicar

na edição de hoje, um inedito do formoso livro do laureado romancista pernambucano.



Aquella mulher esguia..

A Tarde — uma mulher esguia, com os cabellos côr de cinza — surdia do mar. E errava na cidade uma mulher esguia de cabellos côr de cinza... Mas o sol pincelava ainda as suas derradeiras manchas de luz, nos telhados, nas torres, nas ameias. Cresciam os cabellos côr de cinza por detraz das torres silenciosas. E a mulher esguia e macilenta, dos cabellos côr de cinza, com os cabellos humidos — que vieram do mar — vae apagando as manchas de luz, que o sol deixou nos telhados, nas torres, nas ameias. Depois, quando a grande sombra veic, a sombra que devora todas as sombras, ella correu para o alto, com os cabellos longos e prateados... E debruçou-se na abcada sem limites, para formar, com os cabellos prateados e longos, o pallido estendal maravilhoso e immenso da Via Lactea... Mas a mulher esguia, cheia de medo, era tão pallida, e era tão branca, que as estrellas vieram todas... E de tão branca e de tão pallida, e de tanto medo, ella foi ficando pequena, tão pequena... e redonda, tão redonda... do tamanho da Lua. Uma Lua pallida... branca... muito alta...

DUSTAN MIRANDA.

Recife, 6/24.



No Boulevard

Dia chuvoso. O sol de quando em vez, bota o olho de fóra, clareando, de relance. Creaturinhas nervosas, fogem dos pingos. De espaço a espaço, surge uma perna torneada, roliça, tentadora... Um sorriso, uns dentes alvos, um chapellino negro, mignon, enterrado numa cabecita modelar, irriquieta inspira o vate...

D. Branca vai passando,
Friorenta, devagar...
Seus cabellos negros, voando,
Fazem o poeta pensar.

D. Branca vai passando,
Friorenta, devagar...

—Capa bonita.
—Neste clima. Grossa, pesada.
—Onde Rosemira achou aquella
capa?

—Em Paris.
—Mas ella nunca viajou!...
—O noivo. Elle não é dono de
usina!...

—Ah! E' por isso que ella só me
fala em crystal, grã-fina... Maria
é alva como crystal, Antonio é um
typo superior, é grã-fina; e outras
qualidades que eu não me lembro.

—Mas, o noivo tem cara de assu-
car de segunda.

—Espera, espera...
—Que moça bonita! Que elegancia!
Morena, graciosa...

—Vamos poeta.
—Não. Eu hoje janto na Rua
Nova.

—Mas aqui não tem hotel.

—Como sorrisos e bello olhares...

Ficarei, apesar dos pezares...
Eu não almejo paraísos:
Quero beber os teus olhares,
Quero comer os teus sorrisos...

Dá-me uma esmola, senhorinha.
Sacode o nickel do teu omar:
Pede o poeta, isto somente,
E' o bastante para jantar.

—Bohemio.

—Bilontra.

—Eu vi.

—Eu São José naquella rua...

—De passagem.

—De passagem, hein! Você está
namorando a viuva do André, aquella
que puxa por um quarto.

—Deus me livre.

—Eu sei. E' rica. São quinhentos
pacotes. Bicho feliz.

—Você tem bucho de piaba. Cala
a bocca desgraçado...

—Para que não disse logo. Não
sou seu amigo...

—Quanto mais segredo, melhor.
Os piratas estão cavando. Aquillo é
u'a mina.

Chove. Na Casa Brack estão reunidas
diversas senhorinhas, tagarelando.

—Tem fitas.

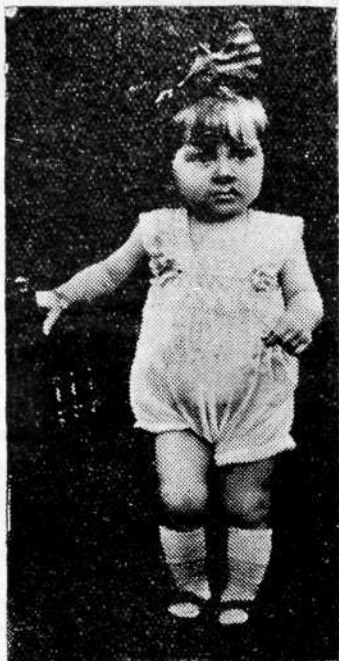
—Quero um broche.

—Faz favor. Uma caixa de pó de
arroz.

—Grampos.

O poeta, molhado, nervoso, passa
pelo balcão. Finge que vai comprar.
Os versos criam azas:

PETIZADA MIMOSA



A interessante Eunice Cordeiro da Costa

Oh! caixeirinhas bonitas!

—Diz o vate mui pateta: —

Dentre todas estas fitas,
Vejam uma para o poeta.



Estiou. O sol, outra vez, aventu-
ra um olhar. Uma claridade, mor-
na, confortante, alegre a rua. Ban-
dos de senhorinhas, passa chilre-
ando.

—Olha a filha da sua vizinha.

—Não vejo

—Entrou na casa Pessoa.

—Agora. S'ahi.

—Você já reparou! Em casa os
seios são menores...

—E' panno. Aluizio.

—Panno?

—Sim. Fazem enchimento para
apresentar volume.



Duas senhorinhas passam elegan-
tamente vestidas. Uma de casemira
tailleur, a outra de branco, vestido
leve, esvoaçante.

O poeta admirado declama:

Sorrindo, essa passa, de luva...

Surge, aquella—corpo de escó!

Uma friorenta como a chuva...

Outra berrante como o sol...



—Aquella moça tem as pernas fi-
nas...

—O que?

—Finas.

—O senhor não repita. A moça é
minha parenta.

—Sua parenta?!...

—Sim senhor.

—Meus parabens. Estcu elogian-
do-a. Eu gosto tanto de pernas fi-
nas...



A "Bijou" treme de sorrisos. Está
cheia de senhorinhas. 5 da tarde.
As torradas, finas, quebradiças, são
mastigados por dentes alvos, peque-
ninos, afiados. Olhares languiosos
causam fome. Sorrisos lentadores
provocam gula.

O poeta, embevecido, soluça:

Dá-me o chá do teu sorriso,

Torradas dos teus olhares:

Quero subir ao Paraíso.

Comento desses manjares.

CROCIO RIAL.

ESPIRITUAL

Tu que a mente exacerbás e apregóas
Nessas da vida, coisas fugitivas,
Procura em Deus a luz das crenças vivas
E gosa do Universo as coisas boas.

Tens azas, tens razão, tens senso e vóas
Nas trévas!... Pensas que te não derivas
Dessa Essência do Bem, sem negativas,
E de odio e de tristeza te povóas...

Sê mais calmo na vida, mais confiante!...
Homem!... Escuta a voz da Natureza.
Senão serás como o judeu errante.

Ama-a bem, ouve-a bem, estuda-a bem,
E Nella encontrarás toda grandeza
E terás afinal o que Deus tem...

J. ALCIDES FERREIRA.



NOCTURNO

Para DE SA' LEAL.

Sempre que avisto a minha sombra feia,
marchando vagarosa em minha frente,
eu sinto o medo contra-producente
de um detento que foge da cadeia...

A minha intelligencia vive cheia
do velho fetichismo transcendente,
com que a psychose singular da gente
inunda a irracional credence alheia!

Que pés enormes! Que figura torta!
Não tenho esse perfil medonho assim,
que, no asphalto polido, a luz recorta...

Esse vulto, esse trasgo, esse abantésma,
é minh'alma que vae deante de mim
revoltada de dôr consigo mesma!

ENE'AS ALVES.

Rua - Mulher — Seus gestos... Seus sorrisos... Seus perfumes...

Novamente, as leitoras desta revista tem diante de si, a figura deste humilde Príncipe, que abandonando o seu castello encantado, veio até Recife se distrahir, occupando-se com o que fazem os felizes habitantes da Veneza Americana.

Apresentado pelo ultimo numero da "Rua Nova", o Principe foi recebido com uma sympathia que muito o desvaneceu.

Verdade é que alguns imbecis jogaram-lhe as pedradas da sua imbecilidade, mas o Principe, indifferente e inattingido, ingressou na vida da cidade, tomando chá na "Bijou", frequentando o "Moderno", dançando o "fox" nos salões, indo aos "meetings" desportivos, e, em fim, absorvendo o tempo em muitas cousas agradaveis, como fosse, palestrar com Anisio Galvão, convencer o S. Leal da inoffensibilidade dos "Quirinos" que "enjoam" passeando em automoveis, demonstrando ao Sol que o "chronista" *João da Rua Nova das Trincheiras* é nullo, apesar das curvaturas adulatorias do sr. Porto da Silveira, um dos nossos geniosos, etc.

O certo é que, apesar de tudo, o Principe continuará escrevendo as suas impressões, colhidas aqui e ali, contando, já se vê, com a generosidade de todos, principalmente das gentis amiguinhas que o distinguem com a leitura das suas indiscreções.

*

O "FASCISMO" NA "BIJOU"...

O poeta Antonio Fasanaro, n'um dia destes, encontrava-se na "Bijou" rodeado de muitos olhos e pou-



Cephisia Galvão

cos refrescos. De um lado, Mlle. Lucia Lewin dava o lyrico destino de sua bocca, a pequenas colheradas de creme, enquanto os espelhos, cada dia mais importunos, se occupavam, somente, em lisonjear o encanto da senhorita Dolores Iglezias, a sua graça e natural elegancia. O Fasanaro parecia sonhar... O Principe fallou tres vezes com elle e elle não viu. De subito, porem, passada mais ou menos meia hora, eis que Mlle. "duas duodecimas letras do alphabeto" se levanta, e só então é que o jovem bardo e jornalista dá signal de vida, levantando-se tambem, para tomar talvez por coincidência, o mesmo bonde de Mlle.!

E diga-se que o Fasanaro não é um verdadeiro Mussoline a pregar um novo "fascismo", em plena "Bi-

jou", sem temer os espelhos, decerto confiando na bênção apostólica que S. Santidade, o Papa, lhe concedeu seguramente vinte e seis vezes...

*

Bertha Markman... Que lindo Nomesinho de mulher!

— E' russa. Pois bem. Que seja.
— E' bonita. E' o que se quer!...

*

NOS CAMPOS DA "LIGA"...

Mlle. Neda Gayoso voltou, no jogo "Torre" X "America", a frequentar os nossos campos de "football", enchendo-os com o seu espirito expansivo e delicado, que tem "um sorriso para tudo", como diria Alvaro Moreyra. O Príncipe que tem em Mlle., uma das mais encantadoras amiguinhas, teve grande satisfação em encontral-a e gosar um pouco da sua palestra bôa e simples...

*

FESTAS A S. JOÃO

Um baile delicioso, não resta duvida, foi o que as familias Lobo e Limeira promoveram na ultima vespera de S. João, na rua d'Aurora. Lá se encontravam, alem da gentileza, da bondade e da graça de Ambrosina Limeira, Vivi, Annita, Dolores, Hilda e Nina Lobo, o encanto e a alma sonhadora de Carminha Galvão o romantismo de Olga Galvão, apontando o luar que beijava o rio, a elegancia simples e envolvente de Lucia Nery da Fonseca — eximia "danceuse" e adoravel creatura — e os attractivos de muitas outras.

O Príncipe não sabe como a noite se passára... O certo é que o dia seguinte chegou, desfazendo illusões e matando sonhos recém-nascidos...

*

ORA, QUIRINO!

O sr. Austriclinio Quirino, conhecido no cadastro intellectual como



Gracitte Ramos, encanto do casal
Guilherme Ramos

Austro-Costa, achou de insultar os que fazem chronicas para a "Rua Nova", taxando-os de imbecis, cretunos, sujos, analfabetos, e litterateiros, como se nós fossemos o Quirino, poeta-official da "Garrafada do Sertao" o indecente caixeiro de um bilhar de Limoeiro, hoje arvorado a "chic", o idolo das cigareiras das fabricas Laffayette e Caxias, ou o feliz habitante daquelle pardieiro immundo da rua das Cruzes, alem de outros predicados que sabemos elle os possuir e que diremos de outra vez, se for preciso.

Ainda assim, nós preferimos "o seu ataque ao seu elogio", — para servir-nos das palavras de Osorio Borba, — porque do seu ataque nos poderemos defender e do seu elogio é mais difficil, senão impossivel.

A esse poetaastro, cuja pretenciosidade é sem limites, já um dos que redactam uma das secções desta revista, respondeu como devia, pelas

colunas do "Jornal do Recife", mostrando-lhe que não é com as ca-
retas de um Quirino qualquer, rotu-
lado com nomes pomposos como Aus-
tro Costa, que se morre, ou se de-
siste de fazer chronicas e versos "fu-
tebleses", como estupidamente elle
denomina.

Mesmo porque "os cães ladram,
mas a caravana passa..."

*

Góes Filho, o poeta mais elegante
da Cidade e um dos mais inspirados
e talentosos, não supporta a tal
"corrente artistica" que alguns Qui-
rinos, atabalhoadamente, lançam no
nosos meio.

Tem razão.

Os "poemas impossiveis" do "ho-
mem azul", são a cousa mais sem

graça que já se viu em toda a terra
do Cruzeiro, cheirando a reedição
das mesmas estulticies existentes nas
"Pilulas Rosadas", ou no "Mulhe-
res de Rosas", como se queira ou de-
seje.

No entanto, meu caro Goesinho, o
Principe não é de todo contra uma
renovação no poetar, e isto, decerto,
quando for feito com intelligencia e
esthetica, muito beneficio trará a
arte.

Medita um pouco, e depois veja se
concorda ou não.

*

Letacio Jansen... Poeta!

Que sorte medonha e avessa!

—Um menino tão pequeno

Com semelhante cabeça!...

O PRINCIPE DAS ESTRELLAS.

No turbilhão da enxurrada

Para o Joaquim Eulalio.

Manhãs de chuva! Do terraço flo-
rido quêdo-me, enervado, a contem-
plar a desolação do meu bairro.
Quando o velho sol ainda não me
tinha enviado o seu adeus, todos os
dias despertava com o pipilar dos
passaros cantores que povoavam de
Felicidade o meu ser.

E, as horas vão rezando o seu ro-
sario. O tamborilar monotono da
tempestade já despertou as louras
creanças.

Oh! O tlim-tlim d'agua a cair no
leito das ruas, nas pedras do calça-
mento, para a imaginação infan-
til!... A enxurrada ia engrossando.
Agora, estava barrenta e corria ve-
loz, atravancada de seixos, para as
sargetas. Os pequenos corriam a sor-
rir, fascinados por uma capitosa emo-
ção esthetica, gloriando a mãe Na-

tureza. Os barquinhos de papel bran-
cos, azues, amarellos, polychromos
corriam das mãos dos garotos para
a correnteza entre gritos de uns e
apostas de outros... De repente,
num minuto horrendo, uma daquel-
las creanças fôra arrastada pelo tur-
bilhão de aguas frementes, ferozes,
para o abysmo hiante... Caira no
esgoto e, numa contorsão unica, ex-
clamou:

— Mamãe!

— Oh! O meu terror das manhãs
de Inverno!

922.

ARNALDO LELLIS.

A NOSSA CAPA

Illustramos, hoje, a capa de
nossa revista, com o "cliché"
do galante petiz Helio Loreto,
dilecto filhinho do professor dr.
Sergio Loreto Filho e de sua
virtuosa consorte, exma. sra. d.
Leopoldina Cysneiros Loreto.

Historias..

Nem me lembro...

Foi assim:

Quando meu pae nos deixou, eu era tão creinça e minha mãe tão joven!

Minha mãe dizia-me sempre que o amor era o outro nome da tristeza! Ella vivia carregada de luto. As suas cheiras eram rôxas. Dois lyrios eternamente manchados pelo orvalho de uns olhos muito azues. Os olhos de minha mãe lembravam o céu. E parece que os vejo no céu que é todo azul. Minha mãe era triste como as flôres de sombra.

Nunca se referiu a meu pae. E eu tinha uma vontade louca de conhecê-lo!

No que se dizia, nos objectos de casa, em tudo eu procurava descobrir algo que me dêsse a imagem do homem estranho que tornou triste a historia de minha mãe.

Eu me punha, ás vezes, deante do espelho: — sim, eu sou parecida com meu pae!

Elle devia ter, como eu tenho, os cabellos encarudados os olhos castanhos, a pelle trigueira...

Minha mãe era alva, cabellos loiros, olhos muito azues. Era tão boa minha mãe!... e eu fui tão má para com ella!... que almas desiguaes! Eu queria esmelrilhar o romance da sua vida. Era então que os seus olhos azues ficavam cheios de agua! Nada me dizia. Como o seu coração pulsava devagar! Um dia minha mãe dormiu tanto! Eu fui despertá-la de mansinho. Auscultei-lhe o coração — talvez que elle me segredasse tudo! Em balde. Pulsava tão devagar... mais devagar... não... não pulsava mais!...



Quiz gritar, o pranto suffocou-me!

Minha mãe enterrou-se á hora da Ave-Maria numa tarde rôxa como as nuvens que choravam com saudade do sol que ia morrendo...

A minh'alma é fria como a neve! Eu trago em mim os adornos alvos porque as lousas irancas! A minha historia não devia ser igual á historia de minha mãe... Por isso quando elle voltou, e perguntou-me pelo juramento que eu lhe fizera, o juramento de que ser-lhe-ia fiel, — eu sorri da ironia do destino! Tanto tempo ausente! Não! não lhe tinha sido fiel!

Eu era estimada na cidade.

Os rapazes queriam-me tanto! Faziam versos para mim! Como eu amei esses rapazes que me queriam, e que faziam versos para mim!

Elle?... elle morreu...

A minh'alma é fria como a neve!...

Meu pae... que crueldade!... eu tão creança... e minha mãe tão joven!...

Elle me queria tanto!

Nem me lembro!

Essa historia... eu tento riscala da lembrança!...

*

* *

A minha historia é diferente da tua historia.

Era tão lindo! Eu fecho os olhos para vel-o! Foi assim:

As almas de meus paes viviam do mesmo coração! Quando meu pae voltava do trabalho beijava a testa de minha mãe, e beijava-me na bocca! Elles diziam-me sempre que o amor era o outro nome da alegria! E minha mãe, nas horas de folga, contava-me o romance do seu unico amor, e repetia o nome de meu pae. Eu queria aos dois igualmente. Punha-me ás vezes, no espelho:—sim, eu me pareço com ambos: os cabellos delle, os olhos della, e a minh' alma que é feita de suas almas irmãs!

— Tu és a felicidade minha filha!

E meus paes eram felizes, e eu era feliz!

Uma vez, eu era bem pequena, o filho da visinha parou ao meu portão para falar commigo. Era tão lindo! Eu fecho os olhos para vel-o! Todos os dias, de volta do collegio, eu o esperava no portão. Elle era alto, e eu tão pirrititinha! Eu me via na menina dos seus olhos verdes. Ah! mas não era a menina de seus olhos! Elle cresceu mais. Foi para a cidade. Pretendia formar-se. No dia da partida, seus labios disseram muito junto de meus labios, as cousas mais apaixonadas desse mundo! O filho da visinha con-

fessou-me o seu amor. E eu lhe quiz muito bem. Jurou que voltaria. Esperei-o. Meus paes morreram, e deixaram-me sósinha. Herdei-lhes a constancia do amor e a bondade do coração. Minh'alma é ardente como as almas de meus paes que se queriam.

Os meus adornos têm a leveza das pennas e das plumas! Esperei-o. Pa sou um anno. E mais um anno. E outro. E mais outro. O quinto, atravessou-o morta de saudade. Elle voltou á sua terra. Tão diverso! Que maneiras, que attitudes, que phrases! Como me senti pequena junto delle! E tambem como me senti mulher ao pé do homem a quem eu amava ardentemente, loucamente.

O filho da visinha não se lembrava mais da vez em que parara ao meu portão para falar commigo. Chorei, mas chorei muito longe delle e de todos! E quando o vi sumir-se na curva do caminho para não mais voltar, — eu perguntei aos outros — para onde vae elle? O que procura?

Responderam-me: não sabemos, ao certo, elle anda em busca da felicidade!

Então me recordei da phrase de meus paes. Corri para alcançal-o. Os meus gritos perdiam-se no espaço:

— Volta! volta que a felicidade sou eu!... sou eu!...

Corri, corri demais, e em breve rolei no pó da estrada...

Elle?... talvez seja feliz!...

A minh'alma é ardente como as almas de meus paes que se queriam...

Era tão lindo! Eu fecho os olhos para vel-o!

Essa historia... hei-de lembrala sempre em minha vida!...

Um grande Padre

Entre os patriotas pernambucanos que fizeram a bella, embora ephemera, revolução republicana de 1817, destaca-se a figura sympathica e altiva do padre João Ribeiro.

Elle era professor de desenho no Seminario de Olinda, e, desde cêdo, puzera a sua intelligencia a serviço da causa da independencia de sua terra.

Insinuante, de palavra facil, vibrante, cathechisava, convenciva, alliciava companheiros para a gloriosa jornada.

A sua residencia tornara-se ponto de convergencia dos patriotas, conseguindo o padre João Ribeiro organizar uma pequena bibliotheca em cujas paginas aprendessem todos a cada vez mais amar o torrão natal.

No dia em que rompeu a revolução de 1817, o padre João Ribeiro tocado de entusiasmo e de jubilo, correu a visitar um amigo, no Recife.

Deu-lhe a alviçareira noticia e o amigo, por obsequiar a visita, trouxe do armario uma garrafa de vinho do Porto, afim de que bebessem ambos um calice.

O padre João Ribeiro, porém recusou, declarando:

—Prefiro beber agua a beber um vinho de Portugal, no dia de hoje.

Outro episodio, que dá bem idéa do seu character, passou-se tambem naquella epoca agitada.

Realizava-se na matriz de Santo Antonio um *Te-Deum* em acção de graças pela proclamação da republica, e a essa cerimonia religiosa devia comparecer os membros do governo.

Ao chegarem estes diante da igreja, o respectivo vigario, que era um homem adulator, trouxe o pallio

Tracinhos e Trocinhas

Actualmente é o dr. A. L., não ha contestar, dos mais fecundos espiritos desta encantada e allucinada Mauricéa.

Com arte e felicidade cultua o humorismo que, é voz corrente, tem fonte no seu abdomen, que lembra ampliada, a pipa de Diogenes, "velharia" que o Recife de hoje, Recife nôvo e meio futurista, de cinco verdadeiros talentos, apenas, vê com maus olhos, detesta, abomina...

*

Aquelle cidadão dos Correios, inimigo do futurismo e amigo extremo de todas as reliquias do passado que usa cabellos á Castro Alves e oculos á Amaragy, disse-me que havia feito presente do "príncipe do" do cabotinismo e da cretinice ao "doce" Quirininho, que se acha sobremodo envaidecido do "honrosissimo" posto. Já é...

*

Educam-nos os professores, como aos irracionais, ensina a Natureza.

O facto é que "ninguem nasce sabendo", como diz o popular rifão, e com muito acerto. Si assim é, tudo que vive faz o que aprendeu, e conforme o grão de intelligencia e a influencia do meio.

Assim: um cão ladra porque ouviu ladrar os collegas, os amigos...

Etc. e tal.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

afim de receber sob elle os homens do governo.

Mas o padre João Ribeiro, que era um dos ministros, adiantou-se, encanou o parocho e disse-lhe com ar de admoestação:

—Mande guardar o pallio, sr. vigario, porque debaixo de'elle só pode acolher-se o Santissimo Sacramento!

MARIO SETTE.

Do "*Terra Pernambucana*".

A POROROCA

A pororoça é, sempre, motivo de terror para o sertanejo que vai remando, velozmente, em demanda de um porto distante...

Originada de fenômenos vulcânicos, talvez de correntes opostas, ou ainda da influencia das marés, a pororoça é um grande risco, um extraordinário empecilho!

Corta docemente o barquinho inteiriço a superfície barrenta do rio.

Sentado à proa, manejando o leve remo, em forma de pá, pitando o cachimbo de **taquari**, o chapelão de canaúba tombado sobre os olhos, a camisa entreaberta e as calças arregaçadas até aos joelhos, o pescador impelle, a contar, a sua embarcação, deixando atrás de si uma "esteira" de prata, tenue e ilíquida.

As margens do rio, como cortadas de um só golpe, apresentam uma vegetação sempre verde, sempre bela. A's vezes, divisam-se palhoças baixas e maltratadas, como sombras escuras no horizonte incendiado; as capivaras fogem medrosas e ligeiras; os passaros pipilam; e quando, á tarde, sopra a briza as arvores, órgãos colossaes da natureza, executam a sinfonia magestosa do vento, que, carinhoso, os faz oscilar...

...O rio sobe palmos acima do nível costumeiro; as aguas, impelidas vigorosamente por uma força misteriosa, precipitam-se contra a corrente, arrastam-se da foz para a vasante; troncos limosos rodopiam e se debatem numa revolta vã; a terra arroxeadada das barreiras despenha-se em blocos gigantescos; o sertanejo esconde o seu barco em qualquer baíasinha, que esteja mais proxima; os vapores fluviaes, incómodos e anti-higienicos, dão, para adiante, toda a força das máquinas



Linda patricia em passeio pela Rua Nova

mas são levados em direcção oposta até encaharem nos traiçoeiros bancos de areia...

E' a pororoça que se faz sentir.

Certa vez viajavamos nas aguas do Pindaré. Deitados nas rédes, armadas no convez, dormitavam alguns passageiros, conversavam outros.

O sol ardente de verão tornava insuportável a permanencia em qualquer lugar do vapor.

Marujos, enegrecidos de carvão, divertiam-se atirando pedaços de carne ás **piranhas** que, em cardumes, rodeavam a embarcação.

Meio-dia. Tinhamos passado, não a muito, por um barquinho de pescador, quando o timoneiro nos disse, apontando para a massa líquida, que de nós se aproximava:

— E' a pororoça, a pororoça!



Acadêmico de Engenharia Fernando Antunes, um dos bons amigos de *Rua Nova*.

Quási que instantaneamente a âncora foi arreada.

A água do rio vinha subindo, vinha contra-marchando velozmente. A's vezes procurava galgar as ribanceiras, espanando-se em gotas que de novo caíam, como pérolas incólores.

Ouvíamos como que o arrastar longinquo de miriades de correntes.

O pescador, que a pouco viramos, não quiz, ou não ponde se pôr a salvo do perigo.

Ei-lo sempre a remar violentamente dando a quilha da frágil embarcação ao embater do rio...

Apreensivos acompanhávamos, da amurada do gaiola o desenrolar da tragédia, tendo a certeza da inutilidade de qualquer auxilio em favor desse homem que vimos morrer ante os nossos olhos.

A princípio bateu valorosamente, mas quando já sem forças, viu o barco a descrever circulos concêntri-

cos, cada vez mais rápidos, deixou pender os braços e lançou um olhar de despedida aos campos que o viram nascer.

Os passageiros viraram os rostos horrorisados.

Em breve o barquinho sossobrava e com êle o seu dono, deixando apenas, como marcando o local da catástrofe, nódoas vermelhas de sangue humano...

As píranhas banquetéavam-se com o corpo do pescador...

LETACIO JANSEN.

Era uma vez...

Gigliola

vou te contar uma historia linda porque é a historia de uma mulher: Quando ella nasceu era tão linda, era tão linda, que as lagrimas do céu sorriam ao vel-a; e foi crescendo, e foi crescendo, e de pura que era completamente se transformou. Quando ella abriu os olhos para a vida era pura como um rio creança; mas depois foi crescendo lentamente, muito de leve, e de branca que era completamente se transformou. Abriu os olhos para a Vida e, alta noite, contemplando-a descobriu nas suas delicias os seus prazeres.

Hoje, ella é mulher, é grande, e ainda mais bella que nunca; seus olhos são dois lagos azues; côr de céu; dos lagos azues... Dois imans que atrahem a vida na orchestração lyrica de um beijo. E ella, hoje, é triste porque sabe que a belleza da vida está no seu Enyigma.

... e de branca que era completamente se transformou...

Junho — 924.

D'ALB.

A VELHA MARIM

Ha duas cidades na Italia, que resumem a expressão maxima da belleza monachal: — Roma e Piza.

O Brazil tem sua pagina de arte biblica na velha Marim. Arte emotiva de encanto e historia. Encanto de pantheismo bucolico, rescendendo dos velhos campanarios. Historia de cousas antigas e bellas, perennes de heroismo e fé, escriptas com tinta rubra, do sangue daquelles que jazem hoje, vividos no sarcophago intangivel da Historia!

Olinda é a joia mystica do passado. Psalmo de tradição encastorado na ecloga epica do passado.

A velha Marim tem a poesia do suggestivo. Tudo inebria; o mar immenso e vibratil, lampejante, ora bonançoso, ora minaz, como um ti-

tan divino flagellado de seivas paixões. Os templos aluidos pela evasão do tempo, a vibrarem pela voz de sinos notas mestras e graves!

Ao longe, mais além, as varzeas sadias e nitidas de luz; o sussurrar ameno de coqueiraes, cujos flabellos rutilam, e farfalham á brisa tepida do oceano.

Ha em Olinda, paginas de impo-nencia barbará e grave, de belleza monachal e poesia pastoril.

Emfim, a Marim ancestral é uma reliquia dos tempos mortos.

São varios os poetas brazileiros que lhe tem cantado em versos sonoros e brilhantes, os legendarios encantos. E' do vate sergipano, Pedro de Calasans, estas rimas de perspectiva soberba:

"No silencio da noite amena e grata
Ella a sós, pensativa em seu leito,
Dorme o somno da paz, enquanto a lua
Vem surgindo das aguas inquietas
A beijar-lhe subtil a face fria".

"Els Olinda gentil! cidade illustre,
Como nympha deitada nas montanhas!
Nos seus altos mosteiros venerandos,
Pensativo, isolado, o humilde monge,
No socego da paz relê as folhas
de seu livro sagrado! Além o sino,
Dá signal para a prece matutina,
Convidando os fieis ao templo agosto!"

E' bello e tocante, a harmonia triste que se lê nesses versos. Mais tocantes e lindos são, porém, estas quadras primorosas e esplendidas do

poeta pernambucano, dr. Marciano G. da Rocha, escriptas em 1865.

Não me posso esquivar de transcrevel-as:

"Dorme, descansa, oh infeliz madona,
 Filha de um seculo que passou sorrindo
 Dorme que o povo que te deu renome
 Foi para a historia com fulgôr infindo!"

"Dorme cercada de gentis palmeiras,
 Verdes collinas, que te dão encanto;
 Dorme embalada das amenas brisas
 Que pelas noites vem beber-te o pranto!"

"Irmã de Roma, tu sonhaste um dia
 Virentes louros á geração futura!...
 Mas hoje tu recordas no passado
 De um povo a historia de immortal bravura!"

"Filha das verdes montanhas,
 Entre palmeiras crescida,
 De tantas c'róas cingida
 Qual te deixou seu azar?...
 Uma lauda de historia
 Enlanguecida memoria
 Dos grandes feitos de gloria
 Que soubeste conquistar".

Mas a Marim de hoje, é u'a Marim festiva e louçã. É u'a Marim moderna. O progresso e o futurismo entraram-lhe pelos porticos vetustos.

A majestade architectonica dos mosteiros, retoucou-se de certos tons de louçania. Ha como uma aura de encanto novo e genuino.

Novo de formas e de esthetica; genuino de originalidade de tintas. Assim, é o caso da Sé, tão causticado pelos passadistas. Emfim, direi aos amantes da "Arte Morta", que nem todas reliquias se guardam.

Umás perduras perennemente; outras talvez, pelo seu demasiado preciosismo, partem-se, atassalham-se, deixando uma doce saudade.

A alma tem desses paradoxos: ama com mais ardôr as cousas que vão fugindo. Assim sou eu. Essa Sé de hoje, adulterada, conspurcada pelo estylo do seculo XX, faz-me nascer n'alma um amôr mais novo e estreme, por aquelle portico vetusto e corcomido...

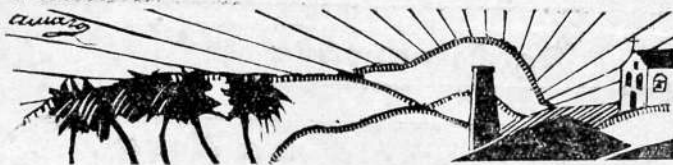
Olinda será eternamente, a Marim relembadora do civismo patrio, do passado fugidio!

Referindo-se á visita feita de Ramalho Ortigão á nossa terra escreveu Joaquim Nabuco entre outras cousas preciosas, esta scintillante verdade: "...e Ramalho Ortigão encontrou mais da antiga civilização portugueza no pouco que viu em Olinda, do que em tudo que tinha visto no Brazil!"

Olinda, 19 — 6 — 924.

MATTOS PINTO.





Hontem, hoje, amanhã

HONTEM:

O toque roufenho do velho sino a acordar ecos, somnolentos, na floresta proxima. Passaros retardatarios, que aligeros, cortavzam o ar cruzando com moreços tontos pelo resoar do velho bronze.

A Senhora dos Anjos com o seu olhar meigo, tão meigo, tal um beijo frio nos labios d'ua mãe!

O coqueiral cochichando com o teral e atirando beijos barulhentos aos ultimos raios exangues do sol. Aquella monotonia dos bos mugindo... Juritys gemendo la fóra, no capoeirão...

HOJE:

Traços sem semetria que o espirito aviva na pagina do passado. Couzas que passaram pelo tempo mas que o tempo as acompanha qual fóra sua sombra... Esperanças. Esperanças tão verdes, como os nossos corações.

AMANHÃ:

Como aquellas flores aquaticas de odor singular e fraco que colhiamos (lembras-te?) guardaremos em baixo relevo, quase obscuro, traços daquelle tempo.

Esquecendo hontem e hoje, avivando o amanhã desejado seremos os pilotos da não Felicidade que escalará em breve o porto Real.

HONTEM:

Tão perto ainda! O campo verde, maravilhosamente verde, pintalgado de lindas côres, pelo magico pincel da Natureza, scenario onde espalmavamos nossa alegria...

A estrada branca, colleante, o largo açude entre pedras, o velho engenho decadente, a "casa grande" e em frente o monte, o monte pequenino, no cimo do qual ficava a desprezada ermida...

Tenho ainda nalma o som argenteo do campanario humilde, que ás Ave-Marias vibravam no quasi silencio das tardes mornas...

Visitavamos, ninhos, colhiamos flores, sonhavamos... Saudades...

HOJE:

Os mesmos sentimentos em scenarios outros. Parenthesis que desejamos breves entre o passado feliz e o doce porvir sonhado. Ideaes que amontoamos em espera resoluta, sob os mesmos sentimentos. Laço roseo que mais une duas almas irmans Esperanças...

AMANHÃ:

Enorme interrogação que aspiramos ao azul supremo... Mas, como Deus sempre tenha para o que é puro um sorriso acquiescente, então beijados pela Felicidade, tudo nos sorrirá.

Realidade...

Augusto P. Cavalcanti

Emmencita Ramos

Da Imperatriz

á rua Nova

O joven e elegante psiquiatra maranhense, recém-formado no Rio, confessava, numa roda de amigos, a paixão que lhe inspirara uma certa senhorinha:

— Se ela ao menos me correspondesse, dizia...

— Casavas? retrucáram-lhe.

— Juro, respondeu o Doutor.

Alguém, porém, malevolamente falou ao ouvido de um companheiro:

— Não é que a doença pega!

— Como?

— Lidando com "eles" acabou por desejar imitá-los...

*

* *

Mlle., depois que o distinto desportista baiano embarcou para o sul, nunca mais apareceu na rua Nova.

Sábado, porém, acompanhada por duas gentis amiguinhas, fez o *footing*, talvez esquecida do voto que fizera de não passear mais.

— Repara Oicatel, disse-me o António Correia, como ela vem mais formosa:

Mas aquêlê rapazinho, que parece querer espantar sempre uma mosca, hipotética, com seu habitual franzir de sobr'olhos e que nutre, por Mlle., grande admiração, embora não a conheça pessoalmente, disse com uma vozinha fina e gaguejada:

— Você não sabe Correia, Mlle. é como o sol...

E depois de uma pausa para pedir-me um cigarro:

— Depois do *eclipse* fascina mais...

*

* *

O. B., opositorista extremado, dizia exaltadamente, certa noite na "Leitaria Vitória":

— Sou partidário da remodelação social; Não posso, não quero ser *conservador!*

O. B. não se lembrava que, há cinco anos, alimenta um grande amor por uma formosa e gentil senhorinha, moradora num dos nossos arrabaldes e que, sempre que dispõe de tempo, passa pela casa dela fitando-a triste e apaixonadamente.

Se isso não é *conservar*, francamente, no mundo não existe nenhum *conservador*.

*

* *

Aquêlê academico de Direito, ao ver Mlle. passar, uma certa tarde, pela rua Nova, fitou-a demoradamente como querendo gravar-lhe a imagem fascinante, para todo e sempre, na retina.

E' caso de se dizer ao futuro ba-charel, parodiando o final de um soneto de Júlio Dantas:

"Il fant rompre en pleurant; tu ne la pense plus aimer".

*

* *

— Tlin, tlin, tlin... E' do escriptorio do Dr. C. C.

— Pois não. Que desejo ?

— Será difficil me informar quaes fôram as últimas *cotações?*

Não lhe ouvi a resposta, a telefonista descurara as linhas.

OICATEL.

:—: O HOMEM-SERPENTE :—:

De primeiro, quando aquelle monstro surgiu na arena do circo, dentro de uma velatura lantejoulada de reptil extraordinario, de cabeça rasa de cretino, olhos redondos, feia ex-crescencia degenerando-lhe a curva do mento, a lhe arrepanhar as gelhas tensas do rosto horrendo, e grave, de uma elegancia juncal, com passos rythmicos d'ave fidalga começou de passeiar os tapetes e se plantou ante a visualidade curiosa do amphitheatro irrequieto — a platéa, numa zanguizarra retoante fervilhou motejos bruscos, assobios, tumultuosamente. As chacotas, impregnadas de hispidos insultos, saltavam no ar, promptas, incisivas e molestas como faulhas candentes, cobrindo-o de apodos revoltantes. E de chôfre, todo o ambiente se tinha impressionado de um vasto, conclamante riso bandalho, reboando freneticamente té ás cimaihas dos alcandôres d'onde as chufas defluíam mais fortes e tempestivas, engrossando-se ao alto com estrondo de caudal que se abysma... A figura esporadica do monstro concitára a hilaridade geral á assistencia já convulsa...

Mas elle estava sereno, alheio áquella manifestação pesada da multidão irracional, digno como a figura superior de Gwymplaine, fitando a todos, de pé, na arena! No dominio da sua grande posição, continuou na mesma impassibilidade de estatua, a fixar de frente a turba—multa, sem mover a cabeça, como que esperando a onda rugidora que avançava...

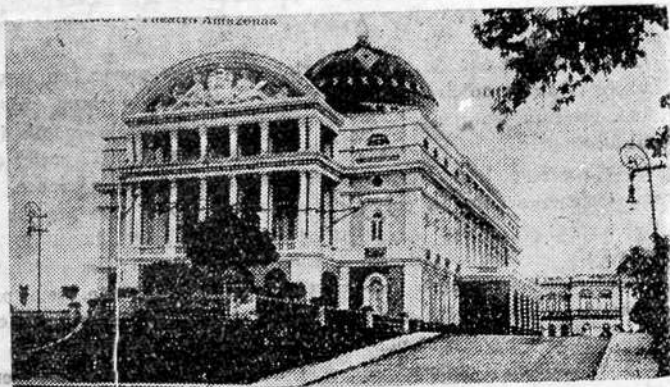
Subito, como um largo bocejo indolente, uma symphonia smorzou, errou no ar, lenta, morbida, quasi imperceptível com a troada iterativa da vozeria imbecil. O monstro então

principiou de se mover, em sinuosa-gens de ophidio, o corpo irisando scentelhas, n'um deslocamento de todos os membros, creando posições inverosímeis, dançando o tronco, escondendo a cabeça fina para as axillas, costruindo arco ductil da espinha, trazendo os jarretes a cruzarem-se no dorso corçoavado, sem parar, anclado já, dentro do rythmo nervoso da musica... Agora, como que atacado de feia zoanthropia, vermiculava todo o corpo em contracções ondulantes, tortuoso e horrível numa circunção de febre, em desconjuncturas Incriveis e que não eram para existir no dominio da natureza, acoupanhado sempre com o facies soffredor de um doloroso Lacoonte a gymnastica ignobil de todas as visceras e de todos os tendões, gymnastica quasi tão subjectiva e impressionante que fazia callos na imaginação!

E aquillo não parava! Num dado momento o monstro ficára mais horrendo: transformára-se de repente numa só massa inorganica; e a cabeça, os braços; as pernas, o tronco, tudo em fim desarticulado, tudo horripelmente fóra do logar, rolava pelo tapete, num só bolo amorpho de membros comprimidos e domados, sem differenciação alguma de um fardo inutil, encolhendo-se assustadoramente, reduzindo-se a nada, a imperceptível coisa diabolica...

Depois, como uma serpente que desperta, começou de se desenvolver voluptuosamente, intervallado de lentos, sinuosos espreguiçar: primeiro, surgiu a cabeça, pequenina, espiando em torno; depois brotaram os dois braços, o tronco, as duas pernas molles, e o corpo integralisou-se, subiu, plantou-se novamente de pé, fitando

«Rua Nova» em Manaus



O edificio do Theatro Amazonas, em Manaus, considerado um dos melhores do Brasil

a platéa. Mas não demorou muito e elle a subir o thorax, abaulando-o, entumecendo-se com a absorpção exaggerada de ar nos pulmões, ficando-se nas pontas dos pés, agora todo tetanizado, os olhos querendo estufar das orbitas, as cordoveias do pescoço magro requebradas, os traços do rosto construindo sulcos mais fundos de soffrimento, a cabeça movendo-se dentro dos hombros estreitos, com um membro solto, voltando-se em todas as posições, numa choreographia variada em rotações exquisitas, o peito gemendo e avulcunando-se, já numa feia tesoura das costellas, numa proeminencia de insolito mal asiatico, uma hydropsia impossivel, sem termino, inchando-se e alargando-se para a frente...

E derredor as gargalhadas foram morrendo como nos ultimos lampejos de um festim, o silencio encheu de emoção todo o ambiente; a platéa irrita, bruscamente, cahiu num grande torpôr, magnetisada; um hiato prolongado de religioso silencio em todos os sentidos; as proprias luzes

não scillavam; sentiam-se tão só as respirações alternadas de todos os peitos emocionados pelo prodigio do monstro, o trabalho do sangue acelerando as arterias... O povo agora soffria mais que o monstro, tinha rictus de amargura nevrosthenica; e as cabeças ávidas, sem posição certa, sem pouso, dominadas por uma larga impressão emocional presas dentro desse circulo de soffrimento subjectivo, atacavam-se de uma doença nervosa que rapida se alastrou, contagiosa, de coração a coração, de sensorio a sensorio, tomando vertiginosamente todas as organizações, provocando accidentes epilepticos na multidão magnetisada pelo monstro que, sentindo o phenomeno das suas forças superiores parou, profundamente calmo como entrara, no meio da arena do circo, enquanto a platéa aclamava-o com um ruido prolongado de vivas palmas, estrondosamente, numa alegria doida e inconsciente, acordando assim o hysticismo ingenuo da civilização contemporanea. **ROMEUE DE AVELLAR**

Uma festa de amizade

A 22 do mez passado, realisou-se no restaurant "Regina", um almoço como um preito de amizade, a pes. sôa altamente sympathica do dr. Coaracy de Medeiros. Tudo correu na melhor cordealidade. Improvisaram-se versos de graça e humorismo.

O dr. Joaquim Inojosa, um dos chefes do futurismo... entre nós, foi o iniciador do desafio com o seguinte ataque:

"Ha entre o futurismo e o passadismo, esta differença apenas: futurismo — automovel; passadismo — carro de boi."

Caio Pereira respondeu: "O futurismo é a arte de não se dizer nada em muitas palavras homophononas, ou melhor: é a musica de uma lata vasia."

José Eustachio: "Os futuristas são irresponsaveis desordeiros das letras."

Leovigildo Junior poetou:

"Futurismo! coisa doce.
"Um deliquo mental puro".
Mas... o *Menu* acabou-se!
Vamos comer o Futuro!

Austro Costa:

"Góes Filho não tem *Futuro*
fica mesmo no *Presente*.
Fica sempre, dindo e puro,
a prgredir *lealmente*..."

"Eu do Léo ja não me queixo
E sem queixas, a-seu lado,
vejo o *Futuro* em seu queixo
que é um *passadismo* enrascado."

A essas quadras, Leovigildo replicou:

"Mas que poeta interessante?!"

Cauiu por certo do céu,
Na mesa do restaurant.
Fazendo versos ao léo."

"Ora! de queixos quem falla!
Justamente quem de seu
Dentre os queixudos da sala
E' mais queixudo do que eu !"

Austro escreveu:

"Não ha peixe nem assado,
E eu, com fome, em febre scismo:
Como almoçar o *Pasado*
Se vou jantar *passadismo*?"

Seguiu-se Góes Filho:

"Oh! santa cordealidade!
Nesta meza — *passadismo*
Está sentada a trindade
Que defende o futurismo!!!..."

"Neste fastio inclemente
Pelo amor, que me elimina
Eu sinto fome, somente
No pratinho do Regina!"

Leovigildo, a esta quadra fez:

"Esse prato, esse pratinho,
E' canja! é manjar do céu.
Como com a testa todinho
Com os olhos a gente lambe."

Outro poeta, de quem não pudemos colher o nome, deixou, sobre a mesa:

"Mas que banquete encrencado
E' este banquete daqui
De *futuro* e de *passado*
Não se lembra Coaracy."

Sergio Olindense disse:

"Nosso amigo Coaracy

Coaracão

E primavera. A minha mocidade
Abre as asas abertas e alegre.
E que triunfante sol! que albeditude!
No peito, o coração de mais-dia.

Sarde estival. Agora a minha idade
Abra o centro do vida. Quem disse!
Autunno! E já Sarado! E já Saudade!
Tora-me o coração de mais-dia.

Quarano. Tanto frio, tanto gelo
A cair desaguar no meu cabelo!
De mais-noite o coração, e agora,

Quando tudo se acaba e tudo foge.
Ella e um reflexo que da horas foge,
Selo costume de as ter dados outro-ora...

(Credito)

Sirivindia

Precisa de imunização,
Pois vai ficar-lhe aqui
Um insecto: o Varejão."

Austro arrematou o duello... lit-
terario, com estas quadras:

"Varejão não tem vareja
Meu caro Sergio. E' verdade:
Eu quero que você veja
Do *passadismo*... a lealdade!"

"Tanto verso debochado,
tantos poetas aqui!
Vamos, *Futuro* e *Passado*
Deixar aqui registrado
Um viva ao Coaracy!"

Foi com se vê uma linda festa de
amizade, em que o *Futuro* e o *Pas-
sado* apesar de longe um do outro,
abraçaram-se, com tanta cordeali-
dade.



Sonho que se desfez

Tonta de luz, o seio a offegar sob as niveas gazes que o velaram, asphyxiada de perfumes, prêsã de um jubilo delirante, Ruth, refugiar-se em um angulo do salão. Os seus pensamentos, em turbilhão, succediam-se-lhe no cerebro em contrastes bruscos, maravilhosos: Desejava alternativamente fugir e permanecer no ambiente fascinador que a deslumbrava. Dançara ininterruptamente deixando-se arrastar numa embriaguez de vertigem. Emrolzara-a uma ancia de agitação, de movimento, que a incitava a ballar doidamente, nervosamente, insaciavelmente, como se obedecesse ao rythmo de uma melodia interminavel.

Lembrava um passaro que sentisse a allucinação do vôo continuo e que após volteios longos, sinuosos, loucos, incessante, no abvsmo do ether tombasse exanime no prado matisado de flores. E ella, á semelhanca desta plumea creatura alada, tambem cahira exausta, mas feliz, deixando transparecer nos labios um sorriso de gôso satisfeito... O seu olhar languido, amortecido, vagueara pelo festivo recinto, quando de repente pousou numa elegante silhueta masculina que se lhe aproximava sorridente. Uma commoção extranha, invencivel, violenta, abalou-lhe todo o ser. A expressão singular daquelles olhos pretos, meigos e dominadores, penetrara-lhe o intimo como si lhe quizesse sorver em longos haustos, a essencia, a vida. Julgou que raios de sol infiltrando-se-lhe no virgineo corpo, se lhe introduzissem na alma para illumina-la duma luz exuberante, magnifica, aurifulgente. Alguem apresentou-lhe o homem que a fizera vibrar, arrebatando-a para as phantasticas chimeras que lhe seduziam a extraordinaria imaginacão. Ruth nada percebeu. As palavras chegaram-lhe vãs, despidas de sentido, como echos longinquos. Ouvia apenas uma voz mysteriosa, persuasiva, potente, que lhe segredara! Ama-o!

SOCIEDADE PERNAMBUCANA



D. Maria Cecilia de Albuquerque

E assim, bello, matisado das côres esplendentes da alvorada, despontou o primeiro sonho de Ruth...

Enlaçando-lhe a cintura flexivel, premendo entre a sua, a mão branca e palpitante de dedos afilados, olhos nos della, elle levou-a ao compasso melodioso da valsa... Sob a doce pressão do braço esguio que lhe pandia sobre o hombro; admirando o franzino perfil de sua gracil companheira; aspirando o perfume embriagador que lhe emanava de odo o serpleno de juventude, elle sentiu algo de perturbador agitar-lhe a alma. A fraquidade encantadora da fina silhueta a sua leveza de pluma, o mimoso rosto, eram fontes de gosos sublimes para o seu requintado espirito de esthética. A sua phantasia desvaivada suggeria-lhe desejos de tomar ao collo aquella debil figurinha de porcelana, beija-la delicadamente, carinhosamente, receiando quebra-la, e depois adormece-la sobre petalas de rosas. Elle a adivinhava vibratil, feita para os arroubos mysticos, destinada á sublimidade dos extases...

E quando vibraram no ar os últimos accordes da valsa, os dois corações pulsando unisonos, entoavam um hymno de triumpho, ao amor invencivel, immortai!

Mais tarde no silencio de sua alcova virginal, Ruth, insomne, abandonara-se à ebriez divina que lhe perturbava os sentidos, enquanto na sua alma voltava o espaço em busca do seu amado...

Symbolisava um coração amante e torturado o coração que ella desceria depor numa sangienta orrieta aos pes do homem que a arrancara a penumbra em que vivera immersa, desvendando-lhe os mysterios transcendentales da luz. Descerrando a janella offereceu o claro rosto à caricia lasciva da brisa. Era uma noite de treva. Apenas algumas estrellas escintillaram no firmamento. Ruth nunca podera dominar uma aversão instructiva á escuridão. Ao se extinguir o ultimo clarão da tarde, um inexplicavel terror, se apoderava do seu espirito. visoes tetricas perpassaram-lhe diante dos olhos num balado convulso, macabro, infernal. E quasi sempre esta allucinação a perseguia até fugirem do norisonte os primeiros rubeores da aurora. Naqueella noite, porem, os exóticos phantasmas não vinham. A luz pallida e suave da lamparina extinguiu-se de todo. E Ruth permanecia numa doce quietude. As extravagantes apparições seccaram talvez as luminosidades radiosas que se lhe desprendiam d'alma... Os dias decorriam placidos, cheios de encantos novos. E Ruth conhecia a felicidade em todas as suas multiplas gradações. A harmonia das palavras do seu Amor, tornava-lhe a vida um continuo enlevo. Viciosa libava o inebriante nectar da ventura, sem imaginar que na sombra, um genio malefico, preparava o toxico fatal...

O primeiro espinho surgiu sob á forma de uma doce exprobação, motivada pelo ciume. A migalha d'um sorriso, talvez, que concedera a outro que tambem a amava, mas... sem esperanza, exasperou o seu amado. Elle a queria toda para o seu culto. O exagerado zelo a principio a linsongeara, depois, analysando-o detidamente, descobriu-

lhe laivos de desconfiança. Porque duvidaria della? Não lhe havia dado o seu affecto inteiro, o melhor de sua alma?

Foi o primeiro tormento de amor...

A paixão delirante do desventurado rapaz que não era correspondido, tornara-se num estado morbido; envenenara-lhe a pureza do sentimento, despertando-lhe vilezas, abjecções.

Certo de que o preferido de Ruth era o unico obstaculo á sua ambiçionada ventura, decidiu excitar-lhe o ciume. Sendo á voz da razão, tramou a estruição do bello sonho de o ciume, ouvindo a voz da razão, tramou a destruição do bello sonho de dois entes que se amavam com vehemencia implacavel. Uma alegria doída, perseguia Ruth, apresentando-se em todos os logares onde poderia encontrar-o. Debalde ella fazia sentir ao homem amado, o immenso desprezo que lhe inspirava a paixão doentia de que era objecto. As queixas se repetiam sem a doce inflexão de outr'ora. Aterrorisada tentara deter a felicidade que se lhe escapara. Os seus padecimentos angustiosos fizeram-na avaliar os alheios.

Ultimamente lamentava o desgraçado que a amava sem o elemento de uma illusão. Elle, entretanto, em sua obstinação, a via sempre a namorada ditosa, e, sem hesitar, resolveu dar-lhe o golpe fatal. A arma escolhida foi a calumnia: "O seu amor achara emfim um echo no coração de Ruth. Ouvira-lhe enleado uma promessa". Affirmara transformando as duvidas do outro em horrivel certeza. Lagrimas de verdadeira dor, juras sinceras, protestos de affecto ardente não conseguiram demover o homem que era o unico amor de Ruth. E ella viu-o afastar-se impiedoso, sem um olhar de compaixão para a sua amargura. Desde então se transformou o character da inditosa menina. Os risos cascadeantes, as expansões pousada á melancholia e ao desalento. Uma visão de tristeza povoou-lhe a alma. A saudade. E hoje Ruth muitas vezes afflicta a soluçar relembra o seu sonho que se desfez para viver apenas, idelevel, na sua lembrança...

O PEREIRA.

Única esperança

—São assim as mulheres. Emquanto não vêem cumprido os seus caprichos...

É o dr. Augusto, a passos largos, nervoso, percorria a sala toda, allumiada pelo foco tenue dum "abat-jour" lilaz. Pela janella afóra, sumia-se a nuvem do seu cigarro...

D. Clara acompanhava os gestos bruscos do marido, e quedava-se depois a mirar, como que distrahida, os bordados do almofadão, que trazia sobre os joelhos.

—Não quero! Prefiro, mil vezes, vê-la no claustro, que unida áquelle...

—Sé mais consciente, Augusto. Alice é nossa filha única. Não vês como ella definha em silencio?... Suas olheiras, sua pallidez, seu fastio...

—Bemdito tempo aquelle, em que os paes faziam a escolha para os filhos! Hoje é moda. O primeiro que apparece... Prompto! Nem mais conselhos, nem mais pedidos, nem mais rogos... Mas, aqui não será assim, estás ouvindo, Clara? Alice não se casará com aquelle patife, porque... eu não quero!!!

Alma sombria, sensivelmente ferida, dirigiu-se d. Clara lacrimosa e triste, aos seus aposentos. Nunca o marido lhe falára assim. Agora,urgia estar ao seu lado, que não no da filha, si queria manter a paz ininterrupta do seu lar.

.....

Uma noite... Era noite escura, vaporosa e calma... Alice aguardava da janella do seu aposento, a visita esperada.

Na amplidão, — deliciosa essen-

cia da vista, — myriades de olhares furtivos, turbulentos, faiscentes, baixam ás humanas creaturas... Inexperientes, não recelam as más linguas, os olhares indiscretos de um ou de outro transeunte que passa vagaroso.

A's primeiras saudações, ouviram passos, rumo do quarto. De mansinho, Alice encosta a janella, e pé ante pé, toma uma revista e senta-se na poltrona. Claudio, do outro lado da rua, avista uma sombra que assoma á janella e vem chegando... Reconhecendo o "velho", dá um passo ao largo.

—O sr. não tem vergonha?— Desmoralizando a minha casa e a minha filha! Si a estimasse como anda a encher mundos, não queria que o seu nome se diffamasse! Atrevido!

Cabisbaixo, envogonhado, todo o amor proprio aguçado nas faces afoqueadas, Claudio ganha apressado a outra rua. Errára, é bem verdade, reconhecia. Mas cegava-o o amor de Alice. Ella pedia, e elle não queria ver chorosos os olhos de su'alma bem amada.

—Agora... adeus, doces enlevos á tepida sombra da lua... Nem mais uma frusão, nem mais uma esperança, tudo saudades...

Horas de verdadeiro martyrio, passava-as Alice, ouvindo frases tremulas, raivosas, reprehensões sem um requinte de graça paternal; os olhares todo supplicas de sua mãe, mas... consolava-a ainda uma unica esperança. A ella se apêgava, como um naufrago a uma carcassa, como um faminto a um migalho de pão.

Destino

(Para Onildo Ramos).

"Adeus meu querido anjo. Parto, mas, bem podes calcular a dôr que sofro; sinto rasgar pouco a pouco meu pobre coração a seta venenosa do destino. A palavra saudade mata-me, a palavra separação sufoca-me."

Estas palavras foram pronunciadas por uma jovem ao separar-se do ente querido.

Eram dois jovens. Amavam-se. Era ela um anjo adolescente, ele um pobre sonhador. A vida lhes sorria como u'a manhã linda de verão, como u'a musica de passaros no seu rythmo divino entoando hymnos aos céos!

Partiu... Nada lhe fazia distrahir; só uma idéa alimentava-lhe o cérebro: voltar, vir ter aos pés da-quele que deixára triste, lutando contra a força do destino e que já sem forças soltava estas palavras: Deus meu, me esquecerá ela, será

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Passaram-se tempos... quasi seculos...

U'a madrugada de inverno, fria, chorosa, molhada, como seriam, mais um pouco, os olhos e os corações de seus genitores, Alice toma o vehiculo ao lado de Claudio, e partem...

Dentro em pouco, eil-os chegados ás nupcias. Aguarda-os amistosa recepção promovida pela familia do nubente. Auge dos sorrisos e dos cumprimentos.

Toda branca, véos de gaze a esvoçar, descidos os ongos cilios de trevas, balbuciou o "sim", que a uniu a Claudio para todo o sempre...

possivel que por ter ido para um meio mais adiantado esquega o pobre desgraçado que ficou nesta mas-môrra a guisa do dia feliz da nossa união? Não; não posso crêr! O meio tudo corrompe, menos o verdadeiro amor!

*

Depois de dias ele recebia uma cartinha déla; contava os seus sofrimentos, a sua vida triste sem "a luz dos olhos dele", findava pedindo-lhe roubasse um dia ao trabalho e fosse vel.a.

Motivos superiores o impediram de realisar o sagrado pedido.

*

Os dias se passaram; nem mais uma carta ele há recebido; vencido ante a methafisica figura do ciume e aproveitando uma fôlga ele foi até áquela cidade nefasta — no seu dizer — onde, parecia, roubaram-lhe o anjo querido. Chegando não viu mais o "amor a lei suprema e sacrosanta" sim "o odio a transformação psichica da dôr".

A mulher julgou-se trahida e procurou esquece-lo pronunciando: "o amor, oh meu deus, venceu-me e trahi-me". E resignada, forte, imperativa, continuou: "A volupia do amor é volupia da vida, eu preciso viver". Esqueceu-o.

.....
.....

E ele, o louco adolescente, a lembrar-se da "terra nefasta" deixou cahir esta frase: "Ah meu amor! perdí-lo, estou certo no oceano sem fim da illusão!"

Recife, 1924.6.25.

STELLA CAMARA,

MARIO DE ALENCAR.

CASA BRACK



É o primeiro
estabelecimento
de modas, miude-
zas e perfumarias.

As elegantes
confeccões do Re-
cife são feitas na

CASA
BRACK

Preços modicos ao
alcance de
todos

244 - Rua Nova - 244

CONFETARIA BIJOU
DE
Almeida Bastos & C.

Está sem rival no Recife, competindo com as melhores especialistas do Rio de Janeiro. É o ponto chic das reuniões de elegancia e graça, frequentado pela fina sociedade recifense : : :

No n. 370 a qualquer hora frios diversos, serviço rigoroso de café, leite, qualhada, bonbons, conservas, fructas, vinhos, queijos, nacionaes e estrangeiros

CHOPP DA BRAHMA

Orchestra permanente

Rua Nova, 362

FUMAR SÓ MARCA VEADO

LEADER

BAUNILHA

RACHEL

Encontram-se em todos os fiteiros

Deposito de Pernambuco:

Praça do Mercado, 22 — Teleph. 615

V. Excellencia vae comprar
Roupas Brancas ?

Economise tempo e dinheiro

VISITE A



Camisaria

::: Especial :::



e compare os seus preços que são

20 % mais baratos

Preço fixo

Rua Duque de Caxias, N. 235

Telephone n. 526

Costa Carvalho & Cia. Despachantes

geraes da Alfandega e Recebedoria. — Commissions e consignações. — Aceitam-se representações de fabricas nacionaes e estrangeiras. — **Rua Visconde Itaparica n. 224 — RECIFE.**

OSWALDO MACHADO BRANDÃO

Despachante geral da Alfandega e Recebedoria
Encarrega-se de despachos de importação e de desembaraços.

Trabalho rapido, sincero e perfeito

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA 142 — 1.º ANDAR

RECIFE

Annunciar na

Rua Nova

é ter a certeza de que o

seu annuncio será lido

por 20.000 pessoas ::::

A Fabrica Modelo

Proprietario F. Felix Cavalcanti Filho

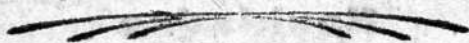


Dispõe de esplendidos figurinos para moveis, chegados recentemente de Paris, Buenos-Ayres e Rio.

Confecciona-se com a maxima presteza e exatidão, qualquer encommenda de moveis.

Tudo isso faz a Fabrica Modelo, com a condição especial de ser por preço baratissimo.

Avenida Lima Castro, 243



Viriato & Villa-Chan

Os maiores recebedores de xarque
no norte do Brasil
Grandes vendedores de xarque e es-
tivas em grosso pelo menor
preço do mercado

Rua Pedro Affonso 6 e 20

Teleg. VIRIATO—RECIFE

Pernambuco

AS CASAS "PAULISTA"

Dispõe constantemente de enorme e
variadissimo sortimento de
tecidos de todas as qualidades, nacio-
naes e estrangeiros, que
vendem a preços sem competencia.

Novidades

todas as semanas

Loureiro, Barbosa & C. L. ^{da}

Travessa do Amorim n. 75

RECIFE

PERNAMBUCO

End. telegraphico LOUBOSA

Estivas, farinha
de trigo, xarque, etc,

Proprietarios
da Saboaria

Franceza

Importação e exportação
Commissões e consignações

Agentes em todas as praças do paiz e estrangeiro

Omega!!! Omega!!!

Setenta milhões de relógios dessa marca estão espalhados pelo mundo.

Unicos depositarios em todo o norte do Brasil

J. Pessoa de Queiroz & Cia.

RECIFE

Amorim, Fernandes & C.

avisam ao commercio e ao publico, que são os unicos vendedores da afamada aguardente, saborosa e aperitiva

MULATA

e recebedores exclusivos da manteiga, a unica que o povo quer e exige

SALINGER

End. teleg.—ESTIVA. Caixa postal 129

R. Vigario Tenorio, 185 — Pernambuco

Herm. Stoltz & C.

Caixa 163—RECIFE. End. teleg. HERMSTOLTZ
Avenida Marquez de Olinda, 35

SECÇÃO ARMAZEM

Completo sortimento de:
Cutelarias, Ferragens, Artigos de aluminio, Louça esmaltada, Tintas, Vernizes, Oleos, Drogas, Arame farpado, Arame liso, Picaretas, Pás, Canos de ferro galvanizados, etc etc.

SECÇÃO TECHNICA

EM STOCK:

Machinas para serrarias, Padeiras, Papelarias, Funelarias, Officinas mechanicas, etc. etc.

Bombas, Material para transmissores, etc. etc.

SECÇÃO DE ESTIVAS

Agentes das Manteigas:

GENUINA, CRUZEIRO, CAMPESTRE e RIQUEZA DO BRASIL

SECÇÃO DE SEGUROS

Agentes das Companhias:

INTERNACIONAL DE SEGUROS, RIO DE JANEIRO, ALBINGIA e HAMBURGO.

SECÇÃO MARITIMA

Agentes do:

Norddeutscher Lloyd, Bremen. Hugo Stinnes Linien, Hamburgo e Artus, Danzig.

SECÇÃO DE ENCOMENDAS

QUAESQUER ENCOMENDAS PARA A EUROPA e AMERICA
Representantes da fabrica de moveis VIENNA, WALTER GOR-
DAU, PORTO ALEGRE.

Cofres e fogões economicos "BERTA", Camas de ferro e moveis de ferro.

Fundição Federal do Rio de Janeiro: Chapas para fogões, Fogareiros, Ferros de engommar etc.

Grades de ferro, Candelabros, etc. etc.

CHARITOS STENDER

Marcas preferidas: RAPHAELA, CONQUISTA e LEGITIMO.

CIMENTO EXCELSIOR

A Marca que maior consumo tem no Brasil.

SABOARIA PARAHYBANA

Seixas Irmãos & C.

— PARAHYBA DO NORTE —

A mais importante do país pela grande variedade e excellente qualidade de seus sabonetes e também pela sua enorme produção diária. Os seus sabonetes são inconfundivelmente os melhores, porque conservam authenticos, até o final, os perfumes neles empregados. É a que produz maior variedade de sabonetes Perfumados e Medicinaes.

RECOMMENDAMOS A'S ENMAS. FAMILIAS AS SEGUINTE MARCAS DE SABONETES PERFUMADOS

FELIPE'A—O ideal para as pessoas de fino gosto. Sabonete de luxo, typo francez, aroma sem rival.

EPITACIO PESSOA—Perfume agradabilissimo.

BILLA—Perfume de Agua de Colonia, sabonete oval e de preço rasoavel.

GENTLEMAN—Sabonete finissimo de grande reputação.

SANDALO—Sabonete grande redondo, perfume lavander, concentrado e muito aromatico.

ANGELITTA—Perfume rosa, extrafino, fabrico esmerado.

ORCHIDE'A—Delicioso sabonete, perfume Rainha das Flores.

FLOR DA PERSIA—Perfume delicado, suave e de grande duração. O seu preço é muito modico, comparado á qualidade do sabonete.

SEIXAS—Perfume Flor do Brasil é um sabonete que se impoz pela sua ottima qualidade, comparada ao seu diminuto preço.

SONHO DAS NUPCIAS—Reclame da fabrica, perfume delicioso e permanente. Custo diminuto.

PRINCESS—É um ottimo sabonete, muito duravel, bem perfumado e a preço excessivamente commodo.

SANTAL—Em sabonetes de baixo preço esta marca comlaterá todas as semelhantes, devido ao seu agradável aroma, muito concentrado, pres-

tando-se não só á mais fina "toilette" como tambem para barba. O seu uso equivale a um seguro reclame.

SABONETES MEDICINAES

Fabrico esmerado por habil chimico. Maximo escrupulo nas dosagens dos medicamentos. Preços excessivamente commodos

Alcatrão	10 00
Alcatrão e enxofre .. .	10 00
Alcatrão e ichtyol .. .	5 00
Enxofre .. .	10 00
Ichtyol .. .	1 00
Sublimado .. .	1 00
Sublimado e resorcina .. .	1 00
Sublimado e ichtyol .. .	1 00
Araroba .. .	1 00
Araroba e ichtyol .. .	1 00
Phenicado .. .	2 00
Iy-ol .. .	4 00
Boricade .. .	5 00
Sulphuroso e phenicado .. .	6 00
Creolina .. .	5 00

TEMOS EM DEPOSITO PERMANENTE OS SEGUINTE:

Recommendamos:

SARÃO "PROTECTOS" hygienico, carbolic, ottimo desinfectante, não prejudica a pelle

SARÃO "ALVORADA" o melhor que existe para lavagem de seda e tecidos finos.

SARÃO "JASPE" em blocos de 150 grammas consistente, economico e de superior qualidade.